

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



SUMÁRIO



NOTA SOBRE UMA HISTÓRIA HÍBRIDA	9
LIVRO UM A ESPERA	13
LIVRO DOIS EN BRERA	57
LIVRO TRÊS A ESPERA, PARTE DOIS	127
LIVRO QUATRO MOKED	161
LIVRO CINCO SINAL	207
LIVRO SEIS JERUSALÉM	285
LIVRO SETE A BATALHA PROFUNDA	387
LIVRO OITO A PORTA DOS LEÕES	419
POSFÁCIO	463
AGRADECIMENTOS	465
OS QUE TOMBARAM E OS QUE FORAM CONDECORADOS NA COMPANHIA DE RECONHECIMENTO DA 7ª BRIGADA BLINDADA	471
BIBLIOGRAFIA	473
CRÉDITOS DAS IMAGENS	477
O AUTOR	479

NOTA SOBRE UMA HISTÓRIA HÍBRIDA



Antes de dizer o que é este livro, preciso explicar o que ele não é. Não é uma história abrangente da Guerra dos Seis Dias. Batalhas inteiras foram deixadas de fora. Observações críticas fundamentais, como os contextos diplomático e político antes da guerra, o ponto de vista dos árabes e mesmo a história do povo judeu, só foram incluídas em menções testemunhais de personagens centrais desta obra, os próprios veteranos da guerra. Mesmo aquelas unidades das Forças de Defesa de Israel (FDI) cuja contribuição para a vitória foi fundamental – a Brigada Golani, a Ugdá Yoffé, as Brigadas Harel e Jerusalém, o Sayeret Matkal, a Marinha e muitas outras – são mencionadas somente *en passant*.

A *Porta dos Leões* reconstrói as experiências de apenas algumas das unidades das FDI – o 119º Esquadrão de Mirages da Força Aérea, a 7ª Brigada de Blindados (sobretudo, a Companhia de Reconhecimento), o 124º Esquadrão de Helicópteros, o 71º Batalhão de Paraquedistas, entre outros. Mesmo no âmbito dessas formações, um número restrito de pessoas ganha visibilidade. A matéria-prima deste livro vem de 63 entrevistas que realizei em Israel, na França e nos Estados Unidos, perfazendo cerca de 370 horas de conversa. O foco é deliberadamente pessoal, subjetivo e idiossincrático.

Este livro não tem a pretensão de documentar os “fatos” da guerra. A essência desta narrativa são os testemunhos dos soldados e aviadores, suas lembranças. A memória é algo bastante complexo. É verdade? É história? É fato? Não me preocupo tanto com essas perguntas, que, ao fim e ao cabo, não podem ser respondidas, mas com a realidade humana daquele instante. O que me fascina é a abordagem subjetiva do evento. Quero estar no *cockpit*, dentro do tanque, vestindo o capacete. O que importa para mim é como o evento foi vivenciado por aqueles homens e mulheres.

A memória, como sabemos, é notoriamente traiçoeira. Ela pode ser egoísta, autólata, autocomplacente. A memória se esvai. As pessoas esquecem. As lembranças contêm hiatos e lacunas. Além disso, há o efeito Rashomon. O leitor atento descobrirá neste livro trechos em que três indivíduos trazem três diferentes versões de um mesmo evento do qual participaram. Esse fenômeno ocorreu durante a realização das entrevistas. Quando conversei com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, o depoimento de uma delas por vezes contradizia o do amigo. “Não, quando isso aconteceu ainda não estava escuro. Você não lembra?” O leitor deve ter isso em mente ao avaliar os relatos apresentados nestas páginas.

Também é preciso mencionar como foi tratado o material obtido nas entrevistas. Em alguns casos, o discurso do entrevistado foi transcrito na íntegra. Em outros, eu o editei, inverti a ordem, alterei o tempo verbal, abreviei o relato e empreguei outros artifícios narrativos. As entrevistas foram feitas em inglês, que, para a maioria dos entrevistados, é a segunda ou terceira língua. Várias entrevistas foram traduzidas *in loco* pelo meu colega Danny Grossman. Ao reunir o material para utilizar neste livro, por vezes imaginei a prosa dos entrevistados como se tivesse sido dita em sua língua materna.

Livros. Vários dos personagens entrevistados – Yael Dayan, Ruth Dayan, Eliezer “Chita” Cohen, Uzi Eilam, Ran Ronen, Giora Romm, Morele Bar-On, Avigdor Kahalani, entre outros – são autores ou coautores de obras sobre a Guerra dos Seis Dias. Com sua permissão, incorporei trechos dessas obras em suas narrativas orais. Uma unidade de destaque neste livro é a Companhia de Reconhecimento da 7ª Brigada Blindada. Membros desse grupo produziram um documentário intitulado *We Looked Death in the Eye...* (Nós encaramos a morte...), sobre o que viveram na guerra de 1967. Procedi com esse filme da mesma maneira que com os livros, apropriando-me de certas frases ditas à câmara e integrando-as às narrativas.

Devo também alertar o leitor sobre outra violação intencional das convenções em relação à escrita de livros de História. Moshe Dayan morreu em 1981. Eu realizei minhas entrevistas em 2011 e 2012. Evidentemente, não teria como entrevistá-lo. Mesmo assim, escrevi capítulos sobre ele na primeira pessoa, utilizando suas palavras.

Por que estou classificando este livro de “História híbrida”? Porque as técnicas que empreguei em sua confecção derivam de uma série de discipli-



nas – do Jornalismo e da História acadêmica, da não ficção convencional e das narrativas de não ficção e do *New Journalism*.

Os capítulos sobre Dayan devem ser lidos levando isso em consideração. Ele não ditou aquelas frases para meu gravador. Elas não são seu testemunho recontando o que ocorreu. Mesmo assim, fiz todo o esforço possível para ser fidedigno ao Moshe Dayan histórico, no limite que minha imaginação e meu conhecimento permitissem.

Felizmente, Dayan deixou uma autobiografia, um diário da Campanha do Sinai de 1956, um extraordinário testamento pessoal intitulado *Living with the Bible* (Vivendo com a Bíblia) e uma série de outras obras publicadas. Além disso, existem excelentes biografias dele, escritas por seus colegas e contemporâneos. Tive o privilégio de entrevistar diversos indivíduos que eram muito próximos de Dayan: sua primeira esposa, Ruth; sua filha, Yael; seu sobrinho, Uzi; bem como seus parceiros e companheiros de armas Neora Matalon-Barnoach, Shlomo Gazit, Morele Bar-On, Michael Bar-Zohar, Aharon Yadlin e Zalman Shoval. Dito isso, ao ler os capítulos sobre Dayan, o leitor deve ter em mente que por vezes extrapolei os limites e caí na pura especulação.

Nas estantes do meu escritório, existem 107 livros sobre a Guerra dos Seis Dias e seus antecedentes. Por que escrever mais um? A resposta é: eu queria contar a história de maneira subjetiva, relatar a saga ocorrida tanto na terra como no ar de uma forma que nunca vi ser contada antes, mesmo que isso significasse tomar algumas liberdades diante das convenções acadêmicas e jornalísticas. O rápido passar dos anos foi outro fator. Vários dos veteranos entrevistados para este livro já eram sexagenários; outros, um contingente expressivo, já contavam 70, 80, 90 anos. Eles poderiam não ter outra oportunidade de contar suas histórias.

Eu sou judeu. Queria contar a história dessa guerra judaica, combatida por judeus para preservar a pátria judaica e o povo judeu. Não pretendo ser imparcial. Ainda assim, tentei, apesar das liberdades tomadas, contar a história direito. Sou o único responsável pela estrutura, pelo tema e pelas opções editoriais deste livro. Escolhi o que colocar em primeiro e em último lugar, o que incluir e o que deixar de fora. Os veteranos me distinguiram contando suas histórias, mas a responsabilidade pela forma e pelo conteúdo finais desta obra é inteiramente minha.



DOIS IRMÃOS



Três semanas antes da guerra, fui visitar meu irmão Nechemiah em Jerusalém. Nós dois nascemos lá. Aquela cidade é o nosso lar.

O major Eliezer “Chita” Cohen é piloto e comandante do 124º Esquadrão, primeira e principal formação de helicópteros de Israel.

Nechemiah tinha então 24 anos e era capitão do Sayeret Matkal, as Forças Especiais de Israel. Ao lado de Ehud Barak, o futuro primeiro-ministro, era o soldado mais condecorado do Exército de Israel. Nechemiah havia recebido cinco medalhas por bravura – uma por serviços relevantes e quatro citações do comandante das Forças Armadas.

Nechemiah tinha sido promovido do posto de tenente havia quatro meses. Foi transferido para a 35ª Brigada de Paraquedistas, uma unidade de elite, onde se tornou comandante de uma companhia, tudo isso para adquirir experiência liderando formações maiores que as equipes de 12 homens das Forças Especiais.

A data de nossa visita foi 15 de maio, Dia da Independência. Minha esposa, Ela, e eu fomos com nossos filhos assistir ao desfile em Jerusalém Ocidental. Nechemiah ligou e nos convidou para ir ao seu posto de comando. “É seguro”, ele disse. “Traga as crianças.”

O posto avançado de Nechemiah ficava em Abu Tor, no meio de uma terra de ninguém. Abu Tor é a colina mais alta ao sul da Cidade Velha. Do local, controlam-se o acesso por terra da Jordânia e os arredores ao sul da Velha Jerusalém.

Nechemiah tinha cerca de cinquenta paraquedistas distribuídos em equipes de quatro ou cinco ao longo da linha do armistício. Ele instalou

seu quartel-general num belo casarão de tijolos vermelhos que estava abandonado havia mais de vinte anos, desde os combates de 1948. Ao redor do casarão, havia arame farpado, barricadas e ninhos de metralhadoras. As placas alertavam: “Perigo – Minas”. Era um lugar belíssimo no meio de uma paisagem desoladora.

Descendo a colina, havia postos e fortificações da Legião Árabe. Eram, as tropas de elite do rei Hussein, treinadas pelos britânicos, usando os famosos *keffiehs* quadriculados nas cores vermelha e branca. Meus filhos ficaram arrepiados ao avistar soldados inimigos tão de perto.

Nechemiah e eu passamos duas horas juntos. Fomos ao telhado plano do casarão. O local se parecia com qualquer outro posto avançado ocupado por jovens soldados – sacas de areia, binóculos potentes, caixas com ração para combate, sacos de dormir empilhados pelos cantos, mochilas dispostas num semicírculo com armas e capacetes à disposição para a ação.

É preciso levar em conta que Nechemiah e eu viemos de uma família muito humilde. Crescemos brincando nos becos, nas ruas secundárias e nas encostas pedregosas de uma cidade que não podíamos chamar de nossa. Jerusalém estava então sob o Mandato Britânico. Não havia Israel. Nós, judeus, não tínhamos um país.

Quando o Estado foi fundado, em 1948, o Exército da Jordânia venceu a batalha por Jerusalém. A Legião Árabe expulsou nossas forças da Cidade Velha e ateou fogo em mais de cinquenta sinagogas, matando todos os judeus que encontrava pela frente.

Nechemiah e eu sabíamos o que estava se passando e sentíamos ódio, mesmo ainda crianças. Quando crescemos, nos tornamos soldados e, depois, oficiais. Paramos de falar como crianças birrentas e começamos a planejar como militares profissionais. Nechemiah é paraquedista, eu sou piloto. A bola está conosco. Temos que fazer o trabalho.

Era assim que encarávamos a situação, Nechemiah e eu, no telhado do casarão, admirando aquela terra de ninguém. Nós dois sabíamos que a guerra estava a caminho. “Você se sente frustrado, irmão”, perguntei, “por estar preso aqui em Jerusalém quando os combates certamente serão no Sinai ou na Síria?”.

Naquele momento, achávamos que a guerra não chegaria à Cidade Sagrada. A Jordânia não arriscaria atacar Israel, temendo ser derrotada. E Israel não podia dar o primeiro passo. O restante do mundo jamais permitiria.



Do telhado, meu irmão e eu avistávamos o bosque de álamos que fica acima do Muro das Lamentações, o local mais sagrado para o nosso povo. As árvores pareciam tão próximas que tínhamos a impressão de quase poder tocá-las, ainda que entre nós houvesse o arame farpado e os postos de combate da Legião Árabe.

“Olhe lá, irmão”, eu disse. “O monte Moriá, onde Abraão amarrou Isaac, à distância de uma cusparada. Ali está a Torre de Davi e o que sobrou do bairro judeu da Cidade Velha. Tudo isso é nosso. O que nos impede de tomar posse, *ahuyah*?” Usei a palavra árabe para “irmão”, como todos fazíamos em nossa família. “Vamos esperar a permissão das Nações Unidas ou das potências mundiais? Os jordanianos não ocuparam a Cidade Velha porque tinham direito adquirido. Ela nunca fez parte daquele país. Eles a tomaram à força em 1948!”

Perguntei a Nechemiah o que ele achava que os norte-americanos fariam em nosso lugar. O Exército deles ficaria quieto por um único minuto que fosse se uma potência estrangeira ocupasse a avenida Pennsylvania? Os britânicos ficariam impassíveis se uma nação estrangeira se apossasse de uma mísera rua em Londres? O que os russos fariam?

Consigo ouvir a resposta do meu irmão como se ele estivesse aqui bem na minha frente. “*Ahuyah*”, ele disse, “se a guerra chegar, ela também chegará a Jerusalém. Vamos libertar a Cidade Velha”.

Não acreditei nele. Pensei comigo: “Isso é apenas um sonho”. Todos os alertas de combate naquele tempo eram emitidos contra os egípcios, os sírios e os iraquianos. Nunca contra os jordanianos.

“Vai acontecer”, meu irmão disse. “Você vai ver.”

Nós nos abraçamos e nos despedimos. Foi a última vez que vi Nechemiah vivo.

Meu irmão caçula – sou oito anos mais velho – recebeu ordens para juntar-se com sua companhia à 35ª Brigada de Paraquedistas, estacionada ao longo da fronteira com o Egito. Ele foi morto em Gaza, no primeiro dia da guerra.

Meu esquadrão de helicópteros foi designado naquele dia para executar missões de evacuação no norte do Sinai e na Faixa de Gaza. Escutei o chamado de emergência pelo rádio do meu esquadrão: “Baixas em massa próximo à cidade de Gaza”.



Enviei um dos meus pilotos, Reuven Levy, para cuidar da evacuação. Nunca me ocorreu que meu irmão pudesse estar entre os mortos. Ele era muito bom, muito esperto. Nada poderia acontecer a ele.

Levy recebeu ordens de um oficial no local para não me contar sobre a morte de Nechemiah. “Chita é um comandante de esquadrão crucial”, disseram a Levy. “A nação precisa dele operando em plena capacidade.”

Então, voei noite e dia em missões durante a guerra, em Gaza e no Sinai, na Cisjordânia e em Jerusalém e sobre as colinas de Golã, sem saber o que tinha acontecido ao meu irmão.

No último dia, enquanto Israel inteiro rumava à Jerusalém libertada para tocar as pedras e admirar o milagre que muitos acreditavam que nunca iria ocorrer, eu estava no escritório do comando da base aérea de Tel Nof sendo finalmente informado de que meu irmão não havia sobrevivido para testemunhar aquilo. Naquela hora meu mundo acabou.



A VOZ DO TROVÃO



O Estado de Israel é do tamanho de Nova Jersey. Somados, os territórios dos seus vinte Estados árabes inimigos superam em 2,6 milhões de quilômetros quadrados* o restante dos Estados Unidos. Em 1967, a população de Israel era de 2,7 milhões de habitantes. Muitos eram imigrantes recém-expulsos dos países árabes do Norte da África e do Oriente Médio. Os recém-chegados tinham poucas habilidades que pudessem ser aproveitadas na defesa do país. A maioria nem sequer falava hebraico. O Estado de Israel existia imerso num mar de 122 milhões de árabes, uma proporção de mais de quarenta para um.

O tenente Zeev Barkai tem 23 anos e é oficial de operações do 71º Batalhão de Paraquedistas. Ele é um kibutznik do kibutz Kinneret, no mar da Galileia. Ele receberá a Itur HaOz, a segunda mais alta condecoração israelense por bravura, pelos seus feitos durante a Guerra dos Seis Dias.

Em 1967, não havia estações de TV em Israel. Tínhamos apenas uma estação de rádio, Kol Israel - Voz de Israel. No entanto, podíamos assistir à TV árabe. Havia uma estação na Jordânia e uma no Egito, além da Voz do Trovão, do Cairo, uma emissora de rádio que transmitia o dia inteiro (às vezes num hebraico ruim) e cuja propaganda diária tinha alcançado o nível da histeria, com o objetivo de aterrorizar a população de Israel. "Judeus, o povo árabe decidiu livrar a Palestina da presença de vocês. Portanto, façam suas malas e vão embora antes que a morte os alcance. Tel

* N. T.: Por clareza, ainda que sejam utilizadas no universo militar, optou-se na tradução por converter as medidas inglesas (imperiais) por métricas.

Aviv vai ficar em ruínas. Nossas bombas vão atingir seus alvos. Para onde vocês vão correr, sionistas?”

A gente tentava rir daquelas coisas, mas não conseguia. Sabe a canção “The End”, do Jim Morrison, do The Doors? Era popular naquela época. Um verso dizia algo como “*This is the end, my friend, this is the end*” (“É o fim, meu amigo, é o fim”). Era assim que nos sentíamos naquela semana. A TV do Cairo exibia imagens de imensas multidões árabes nas ruas, carregando cartazes e entoando “Morte aos judeus!”, “Morte aos sionistas!”. A Voz do Trovão repetia o que Azzam Pasha, da Liga Árabe, tinha dito em 1948: “Será uma guerra de extermínio e um massacre memorável, que ficará marcado na História, como os massacres mongóis e as Cruzadas”. Naquela época, o mundo árabe contava com um líder como jamais teve ou voltou a ter na Era Moderna – Gamal Abdel Nasser, presidente do Egito. (O Egito, então, chamava-se oficialmente República Árabe Unida, embora seu parceiro, a Síria, tivesse abandonado a união em 1961.) O sonho de Nasser era o pan-arabismo: um único Estado estendendo-se da Ásia Cen-

O presidente Gamal Abdel Nasser, à esquerda, com o comandante do Exército, Abdel Hakim Amer, e pilotos egípcios, poucos dias antes da guerra.



tral, atravessando o Oriente Médio e a África e chegando ao Atlântico. Ele queria um mundo árabe moderno, secular e socialista, munido com os armamentos mais modernos e equipado com as tecnologias mais recentes. Para isso, o Egito e a Síria já tinham se aliado à União Soviética, então no auge de sua riqueza e seu poder.

Equipada pelos russos, a Força Aérea de Nasser possuía 480 aviões de combate, todos a jato, incluindo 180 MiGs-17 e MiGs-15, 80 MiGs-19 e 130 MiGs-21, a versão mais moderna, capaz de voar duas vezes mais rápido que a velocidade do som. Além disso, a Força Aérea do Egito tinha 20 caças-bombardeiros Sukhoi-7, 70 bombardeiros Tupolev-16 e Ilyushin-28, e ainda 90 aeronaves de transporte Ilyushin e Antonov e 60 helicópteros. Israel não tinha um único bombardeiro sequer. A Força Aérea da Síria acrescentava aos egípcios 120 aviões soviéticos, incluindo MiGs-19 e MiGs-21. Os iraquianos contribuíam com outros 200.

O Exército egípcio consistia em cerca de 1.200 tanques, incluindo 300 dos novos T-54 soviéticos e 200 dos novíssimos T-55. Estes eram os mesmos tanques utilizados pelo Exército russo. A Síria possuía mais 550 tanques soviéticos, e o Iraque, outros 630, totalizando 2.400, sem contar os 130 prometidos pelo Líbano e os 100 da Arábia Saudita. Contra isso, as brigadas blindadas de Israel tinham como pôr em campo somente 800 tanques – 250 Centurions britânicos, 200 Pattons M-48 norte-americanos e mais 150 blindados leves AMX-13 e 200 Super Shermans, tanques da época da Segunda Guerra Mundial reconfigurados e rearmados para combates no deserto.

No decorrer do último mês, Nasser despejou no Sinai 950 tanques, 1.100 blindados de transporte de tropas, 1.000 unidades de artilharia e 100.000 soldados. As forças egípcias e sírias eram treinadas por instrutores soviéticos. O radar de defesa aérea havia sido construído e instalado pelos soviéticos. Em muitos casos, também era operado por eles. As defesas de solo egípcias do Sinai – campos minados, “caixas” de artilharia e posições em *bunkers* – eram construídas e projetadas por engenheiros soviéticos segundo a doutrina militar mais recente. A pedra no sapato de Nasser éramos nós. No encontro da Liga Árabe em 1964, 13 nações sob a liderança de Nasser criaram o Comando Árabe Unido, uma instituição militar comprometida em erradicar a entidade sionista. A palavra “Israel” não existia em nenhum mapa árabe.



Minha unidade foi convocada no dia 21 de maio. Em Israel funciona assim: você pertence aos reservistas. O Exército permanente de Israel era composto então de apenas três brigadas. As FDI, Forças de Defesa de Israel, são um exército de reservistas. Para alcançar a plena capacidade, a força precisa mobilizar os reservistas, o que significa que eles devem abandonar seus trabalhos civis e se apresentar para o serviço militar. A economia inteira é obrigada a parar.

Meu amigo Yoram Zamosh, comandante da nossa Companhia A, estava dirigindo um trator quando um táxi veio buscá-lo. O Exército mandava táxis para os oficiais. O operador de rádio de Zamosh, Moshe Milo, também estava arando um campo num Caterpillar D4. Ele era sargento. Um ônibus foi apanhá-lo, assim como outros homens recrutados do *kibutz*. Yoram e Moshe mal tiveram tempo de correr para casa e se despedir. Só conseguiram pegar uma escova de dentes, deixar um bilhete e partir.

Nosso batalhão reuniu-se num local chamado Campo Israel, vizinho à base aérea de Lod, nos arredores de Tel Aviv. Unidades de paraquedistas precisam se posicionar próximo a bases aéreas por razões óbvias. A base aérea de Tel Nov era a única equipada para o treinamento de paraquedistas. Uma cerca dividia a base em duas; de um lado ficava a piscina, o cinema e a sorveteria – era o lado dos pilotos –; do outro, as torres de salto, a pista de obstáculos e os barracões – esse lado era o nosso.

Três quartos dos homens de nosso batalhão vinham de *kibutzim* ou de *moshavim* (*-im* é um sufixo que indica o plural em hebraico). Um *kibutz* é uma fazenda comunitária em que todos compartilham a terra e os bens. Um *moshav* é algo parecido, onde se permite às famílias ter a posse de seu próprio pedaço de terra e cultivá-lo.

Nos *kibutzim* daquele tempo, as crianças eram educadas não por seus pais, mas pela comunidade. Viviam em uma “casa das crianças” e cresciam supervisionadas por professores e cuidadores, no meio de outras crianças. Os ideais dos pioneiros continuavam muito em voga. Todos os membros do *kibutz* eram iguais. Ninguém tinha salário, as refeições eram servidas no refeitório comunitário. Alguns *kibutzim* só contavam com um telefone. Possuir carro próprio era algo que não passava pela cabeça de ninguém. O *kibutz* típico até podia ter uma ou outra lata-velha – um Peugeot, um Deux Cheveaux, ou mesmo um Studebaker Lark, fabricado em Israel. Se alguém tivesse que dirigir para algum lugar – para a cidade, consultar-se com um



médico, digamos –, era só colocar o nome numa lista e torcer para que o comitê lhe entregasse as chaves. Nós pegávamos ônibus, andávamos de bicicleta ou a pé. Todo mundo andava a pé.

Morar num *kibutz* às vezes era muito duro. Quando o comandante do nosso batalhão, Uzi Eilam, fez 20 anos e completou seu primeiro serviço militar, quis estudar no Technion, o Instituto de Tecnologia de Israel, em Haifa. Uzi já se sobressaía como líder. Era um sujeito claramente destinado a fazer grandes coisas. O *kibutz* votou e não permitiu. Queriam que ficasse ali, cultivando a terra.

As pessoas pensam que os israelenses daquela época eram religiosos. Não é verdade. No *kibutz* de então, a ética era socialista, comunitária, sionista – não era antirreligiosa, mas certamente era não religiosa. Moshe Dayan, que nasceu no primeiro *kibutz* de Israel, Degânia Alef, nunca celebrou seu *bar mitzva*. Muitos de nós também não. Podíamos até acender uma vela, mas só sabíamos um punhado de rezas.

Em Israel, as décadas de 1950 e 1960 eram chamadas de *Tekufat HaTzena*, a “Época da Austeridade”. A economia penava para absorver centenas de milhares de imigrantes, muitos dos quais tinham sido expulsos de países árabes. Eram muitas vezes pessoas pobres, que não tinham educação nem as habilidades requeridas no Ocidente. No *kibutz*, pelo menos tínhamos o que comer. Pode-se reconhecer alguém que cresceu na Época da Austeridade por seus dentes sem cáries. Ninguém tinha dinheiro para gastar em luxos como açúcar e doces.

Israel, como eu disse, é pequeno. No *kibutz* onde Zamosh, Milo, eu e outros do nosso batalhão crescemos, tínhamos a impressão de que vivíamos numa fazenda no Kansas. Mesmo Tel Aviv – nossa Manhattan – estava a uma hora e meia de distância.

Em nossa base, próxima a Lod, a brigada começou a treinar para valer. Éramos tão novatos, nem sequer tínhamos saltado juntos. Logo, estaríamos saltando em combate, diziam os rumores, no Sinai. Morávamos em barracas – dois homens em cada uma – espalhadas por pomares, sob laranjeiras e limoeiros e passávamos as noites escutando a Voz do Trovão pelos nossos transistores. O noticiário era repleto de histórias sobre as tropas de Nasser e o crescente número de tanques estacionados no Sinai. A ONU mantinha uma força de paz no deserto. Será que ela conseguiria detê-los? No dia 18 de



ISRAEL E SEUS INIMIGOS



Fundado em 1964, o Comando Árabe Unido, composto de 13 membros, era o braço militar da Liga Árabe. Seu objetivo era, nas palavras do general de brigada dos EUA S. L. A. Marshall, a "eliminação de Israel".



EM MAIO DE 1967



Concepção: Christy Hempster / Gráficos: Jasmine Quinister



maio, Nasser ordenou sua retirada, e a força de paz se foi. Por volta de 22 de maio, ele fechou o estreito de Tiran, interditando nosso porto de Eilat.

Seria a guerra? Em 24 de maio, recebemos ordens para ficar de prontidão. O dia D seria na manhã seguinte. A ordem foi cancelada; depois, foi repetida nos dias 25, 26 e 27, e, novamente, nos dias 29 e 30 daquele mesmo mês. Cada vez que éramos dispensados, os políticos davam uma desculpa diferente. Estavam buscando uma solução negociada ou esgotando todas as opções diplomáticas. No mais das vezes, estavam tentando fazer com que os russos dissessem a Nasser para recuar ou convencendo os norte-americanos, os britânicos ou os franceses a vir para o nosso lado.

Quando você é um tenente de 23 anos de idade, não dá a mínima para essas coisas. Tudo o que sabe é que cada dia que o governo passa sem tomar uma decisão é um dia a mais que o inimigo tem para se preparar, para arregar tanques e armas, para cavar trincheiras e túneis e se fortificar. Cada 24 horas passadas significam que mais dos nossos vão morrer.

Lembro-me de ter conseguido uma folga de 20 horas porque minha mãe havia adoecido. Peguei carona; me deixaram a uns 15 quilômetros de distância, ao anoitecer. Da estrada, eu podia avistar o vale do Jordão a leste. O Exército do rei Hussein dispunha de 176 tanques norte-americanos Patton; da fronteira, eles poderiam alcançar o meu *kibutz* em menos de uma hora. Os blindados da Síria poderiam descer as colinas de Golã e atropelar nossas defesas em menos tempo ainda.

Eu me encontrava a poucos quilômetros das ruínas da antiga Megido – o Armagedom da Bíblia. Tentava não pensar nisso, mas a música do The Doors continuava tocando na minha cabeça.



NO MEIO DO DESERTO



Eu estava morando em Atenas quando recebi um cabograma do meu pai pedindo que eu voltasse para casa imediatamente. Achava-se que nenhum israelense gostaria de estar em outro lugar enquanto a pátria estava em perigo. O fato de meu pai, que conhecia as dinâmicas políticas e militares do Oriente Médio tanto quanto qualquer um, escrever uma mensagem assim só podia significar uma coisa: a guerra era iminente.

Yael Dayan tem 27 anos e é filha do então comandante em chefe das Forças Armadas, Moshe Dayan. Ela já publicou dois romances bem recebidos pela crítica, além de ensaios e artigos de jornal, e adquiriu uma aura de celebridade na imprensa europeia. É também segen mishne, segundo-tenente, da reserva das FDI.

Tomei o voo da BEA com destino a Lod, o aeródromo construído pelos britânicos que seria mais tarde o Aeroporto Internacional Ben-Gurion. Minha mãe foi me buscar. A data era 25 de maio de 1967. Fomos de carro para o centro de mobilização em Tel Aviv, onde eu apresentei minha identificação militar e solicitei transferência para o sul, para o *front* egípcio. O sargento atrás do balcão sorriu. “E aonde mais você acha que todo mundo quer ir?”

Porém, minha solicitação foi aprovada.

Voltando para casa, minha mãe e eu escutamos a última arenga de Nasser, na qual o presidente do Egito declarava que seu objetivo final era a destruição de Israel. Nasser anunciou que os Exércitos do Egito e da Síria agora estavam sob um comando unificado e convidava a Jordânia a se unir a eles. Dizia que estava em contato diário com os líderes de uma dúzia de outros Estados árabes, que tinham prometido contribuir com soldados, armas ou dinheiro.

Jantei com meu pai naquela noite. Ele tinha visitado as unidades de combate no *front* e estava com o moral alto. Fez até uma piada dizendo que eu tinha conseguido em duas horas o que ele não conseguiu em duas semanas: um trabalho de verdade.

Perguntei em que condição ele tinha visitado as unidades da vanguarda.

“Como um soldado uniformizado, acompanhado por um oficial encarregado”, ele disse. Ezer Weizman, que era o chefe de operações das FDI (e concunhado do meu pai; a mulher de Ezer, Reumah, era irmã da minha mãe), tinha convocado meu pai, mesmo sem a necessária hierarquia. “Eu dou as caras apenas para aborrecer o pessoal.”

Meu pai disse que tinha se encontrado com Ezer naquela manhã e, em seguida, com seu amigo Meir Amit, que era chefe do serviço de inteligência de Israel. O Egito agora tinha quase mil tanques no Sinai, ameaçando nossa fronteira ao sul. “Se lhe oferecessem um posto”, Amit perguntou a meu pai, “você aceitaria?” Dayan lhe entregou este bilhete endereçado ao primeiro-ministro, Levi Eshkol:

Caro Eshkol,

Solicitei que Ezer Weizman providencie minha convocação formal para a ativa para que minha presença no Exército seja legal e adequada. Se você ou o comandante das forças acharem que posso ajudar nesta guerra designando-me uma tarefa específica, claro que aceitarei. Do contrário, continuarei vinculado às unidades de combate para acompanhar de perto o desenrolar dos fatos e poder expressar minha visão sobre a força do Exército e sobre o que pode ser feito na prática.

Moshe Dayan, 25/5/[19]67

Conversamos sobre a minha convocação. Eu tinha sido destacada para a *ugda* do general Ariel “Arik” Sharon, que agora estava entrincheirada em Nitzana, na fronteira com o Egito.

Ugda é uma formação típica do Exército de Israel. Aproximadamente do tamanho de uma divisão, é composta de brigadas independentes com o propósito de realizar uma tarefa particular ou enfrentar um adversário específico. A *ugda* é uma formação efêmera. Leva o nome do seu comandante. Na fronteira do Sinai, o Exército tinha mobilizado três delas. No



norte, a Ugda Tal (nº 84), sob o comando do general Israel Tal; no centro, a Ugda Yoffe (nº 31), sob o comando do general Avraham Yoffe; no sul, a Ugda Sharon (nº 38), sob o comando do general Arik Sharon. Uma brigada blindada independente, a 8ª, sob as ordens do coronel Albert Mendler, estava posicionada mais ao sul, defronte a Kuntilla.

Meu pai estava ausente do Exército havia dez anos, mas na memória do público ainda era o herói da 56ª Campanha do Sinai e representava o modelo de comandante do combate israelense. Enquanto jantávamos, os convidados continuavam a se aproximar da mesa, sem esconder sua agitação.

“Quando o governo vai chamar você, Moshe?”

“Vão convocá-lo para ser ministro da Defesa?”

“O povo o apoia, general Dayan.”

Perguntei a meu pai se ele esperava receber um posto de comando do primeiro-ministro Eshkol.

“Ele vai acabar chamando você primeiro!”

Meu pai discorreu sobre a diferença entre “intenção” e “objetivo”. Em qualquer ordem militar, a intenção está acima e é mais importante que o objetivo. Ele disse que o problema de Eshkol era sua intenção de preservar Israel *a qualquer custo*. Para esse fim, o primeiro-ministro abaixou a cabeça para potências ocidentais, especificamente os Estados Unidos, enquanto hesitava e se recusava a tomar uma decisão baseada somente em nossa força.

Yael Dayan.



Mas a intenção do primeiro-ministro não podia ser preservar Israel à custa de sacrificar seu espírito de luta e a independência das suas ações. “Bater à porta das potências é cortar as próprias bolas. Nós sabemos disso, e Nasser também. O que manteve Israel a salvo durante dez anos foi o medo que os nossos inimigos têm de nos atacar. A intenção do primeiro-ministro tem que ser ‘preservar a nação *destruindo as forças que se alinharam contra ela*’.”

“Estamos sendo provocados”, meu pai disse, “e a única maneira de lidar com um provocador é dando-lhe um soco na cara”.

“O que você faria?”, perguntei.

“Atacaria agora. O quanto antes. Encararia o inimigo e o destruiria. Não existe outro jeito.”

Lá fora, o carro do meu pai estava esperando. O relógio marcava quase meia-noite. Ele estava de partida para o quartel-general do Comando Sul em Beer-sheva.

“O primeiro-ministro vai falar ao país em alguns dias”, eu disse. Nos escritórios de mobilização, eu tinha ouvido falar num discurso planejado para a noite de 29 de maio. “Você vai ouvir?”

“Sim”, Moshe Dayan disse. “Mas sem fazer muito gosto.”

